

## “COLONIZAR, CIVILIZAR”: AS REPRESENTAÇÕES DO IMPERIALISMO PORTUGUÊS EM MOÇAMBIQUE A PARTIR DOS ‘CADERNOS COLONIAIS’ (1930-1940)

Darlene Santos Magalhães  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)  
Endereço eletrônico: darlene-magalhaes@outlook.com

Zoraide Portela Silva  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)  
Endereço eletrônico: zoraideportelas@gmail.com

Edmar Ferreira Santos  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)  
Endereço eletrônico: estudosafricanos.edu@gmail.com

12

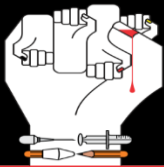
### INTRODUÇÃO

A pesquisa em andamento tem como objetivo problematizar as representações das ideias imperialistas sobre os povos de Moçambique no contexto imperialista. Nosso recorte cronológico é a década de 30 do século XX e nosso *corpus* de análise são os Cadernos Coloniais portugueses.

A presença portuguesa em Moçambique começou no final do século XV, sobretudo, pelo interesse do ouro daquela região. A interiorização no território começou mais tarde, com o apoio dos missionários, comerciantes e da força bélica. Já no século XVI foram construídas as primeiras feitorias na região cujo intuito era dominar as zonas auríferas. A ocupação efetiva só ocorreu no contexto imperialista com a Conferência de Berlim (1884-1885) (HERNANDEZ, 2008; VISENTINI, 2011).

Conforme Said, 2011, podemos definir o Imperialismo como um sistema de dominação que engloba várias esferas, tais como a econômica, a política, a territorial, a cultural e, principalmente, a esfera ideológica. O Imperialismo foi se formando ao longo do século XIX e foi uma consequência direta da expansão capitalista na porção ocidental da Europa. Dessa forma, as metrópoles europeias se viram obrigadas a buscar novos espaços fora de seus domínios. Em nome dessa expansão foram construídos mitos que justificavam a dominação de vários povos.

É importante pontuar que o imperialismo se articula com a ideia de Colonialidade, um padrão de dominação alicerçada na ideia de raça e civilidade. A Colonialidade surgiu quando da expansão capitalista moderna, no século XVI, no



processo de expansão marítima e chegada dos europeus à América. Mais tarde esse padrão de dominação foi aplicado em outros contextos, tal como no processo de ocupação da África. Em suma, uma sociedade organizada conforme esse modelo de dominação, é uma sociedade altamente assimétrica, com fortes disputas de poder, onde racismo, violência e inferiorização da população local estão juntos, formando todo um aparato de dominação.

A política imperialista tinha ideologias que legitimavam a posse dos territórios fora de domínios europeus e, muitas vezes, as formações discursivas, ideológicas e culturais têm mais força que as estruturas materiais propriamente ditas. Conforme Silvio de Almeida, sociólogo brasileiro, o termo raça, tal como conhecemos surgiu no contexto da era moderna, entretanto, é sempre bom esclarecer que raça no sentido biológico não existe, existe enquanto categoria sócio-histórica. É uma construção social fomentada pelas representações e da ideologia de grupos que detém o poder.

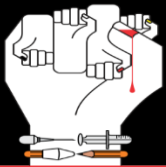
De igual modo, o filósofo Franz Fanon nos diz que o colonizador associava as diferenças fenotípicas, como a cor e determinadas particularidades históricas como um indício de atraso. Uma sociedade polarizada acentuava as diferenças, e o elemento cor era o sinal visível da raça, logo, foi associado como um traço de atraso quando relacionado com os povos europeus (FANON, 2008).

Nesse sentido, constitui como justificativa da pesquisa o grande potencial das fontes, pois os ‘Cadernos Coloniais’ nos permitem problematizar o quanto as representações sociais construíram visões de mundo tendo o eurocentrismo como ponto de partida. E no caso dos Cadernos Coloniais, eles também faziam o papel de divulgar a obras da colonização portuguesa em Moçambique e associar tal processo como uma missão civilizatória.

## METODOLOGIA

Nossa metodologia de pesquisa é a abordagem historiográfica e a corrente historiográfica será focada na História Cultural, pois a pesquisa se trata de estudar representações construídas no contexto imperialista. Os ‘Cadernos Coloniais’ são uma coletânea de 70 livros (Edições Cosmos) elaborados por Portugal no contexto do Imperialismo e estão disponíveis no site “Memórias da África e do Oriente”

Alguns dos cadernos que fazem parte do nosso *corpus* de análise são: *África desconhecida* (1939), de Dr. Antônio Lebre; *Ninho de bárbaros* (1939), de Maria Archer; *Mística imperial* (1939), de F. Alves de Azevedo; *Política colonial* (1939), de



Brito Camacho; *Missões católicas portuguesas (1936)*, de Pe. Alves Correia; *Reis negros (1940)*, de Julião Quintinha (...).

## RESULTADO E DISCUSSÃO

No contexto imperialista, quase todas as representações dos mundos colonizados passavam pela ótica do eurocentrismo, e a visão de mundo dos povos colonizados eram desconsideradas pouco, ou nada, civilizadas, pois assim foi construído todo um imaginário social sobre as zonas colonizadas. Roger Chartier, grande expoente da história cultural, nos mostra o quanto as representações sociais permitem construir imagens negativas sobre determinados povos e lugares. Assim ele nos diz: “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção de mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio” (1988, p.17).

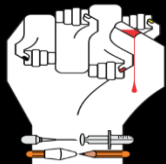
Os Cadernos Coloniais, além de fazer propaganda da obra colonial de Portugal na colônia de Moçambique, também era uma forma de construir uma narrativa que consolidasse a negação da história dos povos africanos. Negar a história desses povos era construir narrativas que depreciavam e representavam esses povos de forma negativa. No trecho a seguir, o autor explicita o quanto acreditava que o sujeito indígena (pessoa nativa) estava distante da civilização portuguesa/europeia.

(...) o fato histórico é ter-se civilizado a raça branca e não estar civilizada a raça negra (...)O conceito positivo, naturalista, verdadeiramente científico, parece-me ser este – raças civilizadas e raças por civilizar; raças que evoluíram e raças que estacionaram (...) (CAMACHO, 1936, p.16)<sup>1</sup>.

Em resumo, o autor acredita numa suposta inferioridade dos povos de Moçambique, pois os mesmos tinham culturas diferentes da cultura europeia. Aqui é possível notar ainda que o autor do Caderno Colonial aborda o termo raça pelo viés sócio-histórico; como pontuamos anteriormente, raça é uma construção social.

Os Cadernos Coloniais exaltam a natureza ‘exótica’ do continente africano. *Ninho de bárbaros*, por exemplo, é autoexplicativo pelo título, uma vez que fazia parte do discurso colonial colocar os povos das colônias como pessoas sem civilidade, progresso e que viviam na natureza, e viver na natureza representava está na infância do

<sup>1</sup> Caderno colonial Nº 26. *Política colonial (1939)*, de Brito Camacho.



desenvolvimento. O fragmento a seguir representa esse estágio de desenvolvimento. “(...) Um povo selvagem é um povo na infância justifica-se a sua tutela, não se justifica a sua exploração (...) (CAMACHO, 1936, p.18).<sup>2</sup>

Dessa forma, a colonização era justificada como uma necessidade para que esses povos pudessem alcançar o desenvolvimento das sociedades europeias, pois o tempo todo as sociedades colonizadas eram mostradas como sinônimos de atraso e as metrópoles como sinônimos de progresso. Além disso, o discurso imperialista representava os povos nativos como povos que tinham dificuldades em passar pelo processo de evolução cultural, e a tutela era um meio de guiar esses povos. O discurso colonial dizia que era “(...) necessário instruí-lo e educá-lo; criar-lhe um ambiente físico e uma atmosfera social que permitam o pleno desenvolvimento das suas faculdades, seja qual for a sua natural limitação (...) (CAMACHO, 1936, p.18)<sup>3</sup>.

Outro ponto que podemos notar nos Cadernos Coloniais é que os autores não poupavam adjetivos para falar da selva africana e do quanto o homem africano estava apto a adentrar e viver naquela atmosfera desconhecida. O africano era representado como um ser selvagem, conforme podemos notar no fragmento onde a autora deixa claro o processo de animalização dos povos nativos. “Cão grande, o batedor, é negro mais caçador que cão perdigueiro (...) Sabe conduzir-nos com segurança e presteza domina o instinto caminheiro do negro da selva (...) (ARCHER, p.07).<sup>4</sup>

Os povos nativos eram representados como sujeitos desprovidos de organização social. No fragmento extraído do Caderno Colonial *Reis negros* o autor questiona a existência de uma civilização própria dos povos da África. Assim ele diz:

Como se teria construído, inicialmente, tão vasto império de negros? Qual teria sido a ação civilizadora deste império de Monomotapa? (...) Povos bárbaros, cafricanizados, é de presumir que, embora tendo exercido influência nas instituições sociais de outros grupos negros, nada tivessem feito (nada poderiam fazer) acerca do que os povos civilizados hoje entendem por civilização (QUINTINHA, 1940 p. 09)<sup>5</sup>

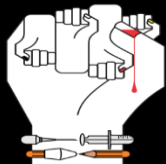
Pelo exposto fica evidente que o autor está questionando o sentido de civilização na África, pois o modelo de civilização que importava para as metrópoles coloniais era a civilização europeia, branca, cristã. Em resumo, fica evidente que existe uma negação

<sup>2</sup> Caderno colonial Nº 26. *Política colonial (1939)*, de Brito Camacho.

<sup>3</sup> Caderno colonial Nº 26. *Política colonial (1939)*, de Brito Camacho.

<sup>4</sup> Caderno colonial Nº. 15. *Ninho de bárbaros (1939)*, de Maria Archer.

<sup>5</sup> Caderno colonial Nº 63. *Reis negros (1940)*, de Julião Quintinha.



da história, da cultura e da identidade do povo de Moçambique. Para o colonizador não era admitido um modelo de organização social diferente das que existiam na Europa, pois isso era indício de atraso cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pontuamos, um dos artifícios da ideologia imperialista foi construir um “Outro” sempre de forma negativa, pois só assim a ideologia do colonizador teria efeito dentro da lógica colonial. A partir da negação da história dos povos colonizados, o colonizador poderia construir outras narrativas que se beneficiasse e colocasse o projeto colonizador como algo inerente ao espírito português.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação. Imperialismo. Cadernos Coloniais. Moçambique.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

CHARTIER, Roger. “Introdução”. In: **A História cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Memória e sociedade. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Os pilares da diferença: Relações Portugal/África (séculos XV – XX)**. Portugal. Ed. Caleidoscópio. 2004.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVA, Cristiane Nascimento da. As relações entre o governo português e os muçulmanos de Moçambique (1930-1970). 2010. **Dissertação** (Mestrado em História Social da Cultura). Puc/Rio.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **Moçambique**. Brasília: Thesaurus Editora, 2011.